

A08369

Terapia em campo de futebol ajuda a resolver conflitos entre jovens

Estudantes de Psicologia e Educação Física, da Ufes, “discutem” a violência entre jovens, usando o futebol

Texto **TATIANA WUO** twuo@redgazeta.com.br
Foto **CARLOS ALBERTO DA SILVA**

Usar o futebol para aprender a resolver os conflitos da vida. Esse é um dos objetivos do projeto “É dia de jogo”, que há oito meses envolve adolescentes da comunidade de Nova Palestina, em São Pedro, e estudantes dos cursos de Psicologia e Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

A idéia do projeto é usar o esporte para discutir a relação entre os jovens: se alguém age violentamente dentro do jogo, a partida é interrompida e a conversa - solução proposta pelos monitores - vai parar embaixo da trave do gol.

Para chegar ao objetivo - diminuir a violência, indiretamente, fora do campo - são feitos encontros semanais: em um deles acontece a conversa e, no sábado de manhã, o jogo em si, no campo de futebol do Cajun, em Nova Palestina.

Por lá, cerca de 22 adolescentes entre 14 e 23 anos se reúnem para bater bola. “É um projeto de conclusão de curso que queremos transformar em projeto de extensão”, explica o estudante de psicologia da Ufes, Vinícius Zocateli.

Também participam do projeto os estudantes Rodrigo Vaccari, Vinícius Cavalcante e Samuel Coelho. Zocateli

lembra que o projeto começou como um estudo sobre da violência de gênero que acabou ficando mais amplo e, hoje, passa pelo respeito ao outro e pelo comportamento no dia-a-dia. Tudo isso “ensinado” dentro do campo e com a bola rolando.

REGRAS. “Os próprios meninos criaram regras, a partir dos nossos encontros. Por exemplo, se alguém falar palavrão, é falta; ofensa pessoal também”, enumera Zocateli. Além disso, se alguém brigar pode até perder a vaga no time. Mas não sem antes conversar sobre o que aconteceu



SHOW DE BOLA. Jovens de 14 a 23 anos, de Nova Palestina, em Vitória, são atendidos pelo projeto

- diálogo proposto e intermediado pelos estudantes.

“Houve, sim, uma melhora. Eles discutiam muito antes. E o projeto deu tão certo que eles dividem com a gente até mesmo as questões referentes ao bairro”, afirma Vinícius. “O que tentamos promover com esse trabalho é que existem outras formas de conquistar direitos e realizar a inclusão social que não a violência. É um projeto que tem como interesse impulsionar mudanças”, completa.

RESULTADOS. O projeto foi aprovado pelos adolescentes. John Esteves, 19, encontrou

na ação uma oportunidade. “A molecada fica longe das ruas e tem alguma coisa para fazer. Ajudou muito: as pancadas dentro de campo diminuíram bastante”, afirma.

Romério Caetano, 14, concorda. “Alguns meninos até saíram das drogas. A gente fica esperando chegar o sábado para vir jogar. Agora, com menos violência e mais esporte mesmo”, diz.

O projeto é voluntário e tem a intenção de crescer - por meio de patrocínios - para que, em breve, os próprios jovens do bairro possam ser os monitores responsáveis pela partida.

DEPOIMENTOS



“É uma forma de esclarecimento”

VINÍCIUS ZOCATELI
Estudante de Psicologia

“A violência que eles manifestam é o reflexo da violência moral que sofrem das classes mais altas. Tentamos passar que esse conflito pode ser contornado com a luta pelos direitos de cada um, sem a violência física. A intenção do projeto é ser um impulsionador, um disparador de atitudes. Não é inclusão, mas uma forma de esclarecimento para esses jovens”. FOTOS: CARLOS ALBERTO DA SILVA



“É a primeira vez que a Ufes vem aqui”

MARIA APARECIDA R. DA SILVA
Diretora social do Movimento Comunitário de Nova Palestina

“Os estudantes no procuraram dizendo que queriam fazer algum trabalho voluntário na comunidade. Nós falamos da violência, principalmente na faixa dos 13 aos 16 anos. Trabalhando as relações interpessoais, eles têm conseguido melhorar muito as coisas por aqui. Essa é a primeira vez que a universidade vem até Nova Palestina”.

Universidade do Porto apóia projeto

O projeto “É dia de jogo” deu tão certo que a Universidade de Porto vem de Portugal para o Estado a fim de montar um núcleo de estudos, com laboratórios, sobre o tema. A previsão é que até agosto de 2007 o núcleo já esteja funcionando. “A gente está trabalhando com a Psicologia do Esporte, tratando de questões relacionadas ao futebol, mas voltadas para a

psicologia”, explica o mestre em Psicologia Social e coordenador do projeto, Paulo Castelar. A intenção, completa o professor, era criar uma metodologia de intervenção psicológica a partir do futebol. “Um jeito de tornar interessante a participação dos adolescentes”, emenda Castelar, que supervisiona o projeto ao lado de Zeidi Trindade e

Maria Cristina Menandro. Segundo Castelar, o diferencial do projeto é que ele não trata o futebol simplesmente como um meio de inclusão social. “O jogo, na verdade, reproduz o que acontece na sociedade e algumas atitudes próprias das partidas de futebol”, ressalta. Para o pesquisador, trata-se de um prato cheio para a pesquisa. Um exemplo é

com relação às regras. “A gente começou a jogar e as regras eram estabelecidas por eles. Percebemos que eles mudavam as regras de acordo com seus interesses. Conversamos e mostramos a importância da regra para jogar e, também, para a vida”, conclui o professor, que continuará seus estudos em Psicologia do Esporte em um doutorado em Portugal.

“
A gente encontrou uma oportunidade. Hoje, a molecada fica longe das ruas e tem alguma coisa para fazer. Até as pancadas dentro de campo diminuíram”

JOHN ESTEVES, 19
Estudante

“
Alguns meninos até deixaram as drogas por causa do projeto. A gente espera chegar o sábado para vir jogar bola. Agora, com menos violência e mais esporte”

ROMÉRIO CAETANO, 14
Estudante